

## OS CONJUIROS DE PIERINA: A RECUSA DA NOMEAÇÃO DO OUTRO-OPRESSOR COMO MANIFESTAÇÃO DE (RE)EXISTÊNCIA

PIERINA SPELL'S: THE REFUSAL TO NAME THE OPRESSOR AS A MANIFESTATION OF RE(EXISTENCE)

Vera Martins<sup>1</sup>  
Elibia Catarina Mainardi Bertoldo<sup>2</sup>  
Joel Felipe Guindani<sup>3</sup>

**Resumo:** Promovemos neste artigo, o encontro e o diálogo de Silvia Federici (2010), Oyèronké Oyewímí (2017) e Pierina Lira (2021) criando um espaço de escuta e análise das condições de uma mulher produtora rural, buscando caminhos para o reconhecimento das práticas de resistência estipuladas por Pierina ao não nomear seu marido/opressor, reduzindo assim sua presença ao pronome “ele”, reduzindo a presença deste na sua história. Evidenciamos nestas atitudes de proteção dos espaços, pessoal e coletivo, presente na vida das mulheres. Os temas que desenvolvemos, como a recusa da nomeação do outro; trabalho; violência; solidão e interações; realizações, desejos e sentidos da resistência, tem como base o documentário produzido sobre a vida de Pierina Lira, no qual ela além de contar sobre sua história de vida reflete sobre seu empoderamento e seus desafios. Finalizamos este encontro se finda, atribuindo à nossa protagonista alguns conjuros de liberdade. A recusa em dizer o nome do marido, é um gesto possível de auto-reparação utilizado por Pierina para reduzir o espaço ocupado pelo opressor, para ocupar mais espaço ela mesma, deixar crescer seu corpo-mulher, que tudo registra e vive todas: as dores e os sonhos realizados, mas que reivindica por ter seu espaço, e o amplia simbólica e objetivamente pela narrativa.

**Palavras-chave:** Mulher rural, Nomeação, Sentidos de resistência

**Abstract:** *We promote in this article, the meeting and dialogue of Silvia Federici (2010), Oyèronké Oyewímí (2017) and Pierina Lira (2021) creating a space for listening and analysis of the conditions of a rural producer woman, seeking ways to recognize the resistance practices stipulated by Pierina by not naming her husband/oppressor, thus reducing his presence to the pronoun "he", reducing the presence of this in her history. The themes we developed, such as the refusal to name the other; work; violence; loneliness and interactions; achievements, desires, and meanings of resistance, are based on the documentary produced about the life of Pierina Lira, in which she, besides telling about her life story, reflects about her empowerment and her challenges. We end this meeting by attributing to*

<sup>1</sup>Doutora em Comunicação Midiática pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM e professora adjunta do Departamento de Ciências da Comunicação da mesma instituição – campus Frederico Westphalen/RS. E-mail: martins.verissima@gmail.com.

<sup>2</sup>Graduanda em Relações Públicas – Bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM campus Frederico Westphalen/RS. E-mail: elibiabertoldo@gmail.com.

<sup>3</sup>Doutor em Comunicação e Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria – campus Frederico Westphalen/RS. E-mail: joel.guindani@ufsm.br.

*our protagonist some spells of freedom. The refusal to say her husband's name, is a possible gesture of self-repair used by Pierina to reduce the space occupied by the oppressor, to occupy more space herself, to let her body-woman grow, which registers everything and lives all: the pains and the realized dreams, but which claims to have its space, and expands it symbolically and objectively through the narrative.*

**Keywords:** *Rural women, Naming, Senses of resistance*

## 1 Um encontro. Um diálogo.

Este texto é um encontro e um diálogo. Promovemos nestas páginas, o encontro de 3 mulheres: Silvia Federici (2010), feminista e filósofa italiana, Oyèronké Oyěwùmí (2017), socióloga nigeriana e Pierina Lira (2021) trabalhadora rural do sul do Brasil. O motivo deste encontro é visitar a reflexão crítica elaborada por Federici (2010) acerca da condição da mulher no contexto capitalista, que investiga e apresenta uma reinterpretação da história do capitalismo - observando como o passado sobrevive no presente - e das reflexões acerca da luta de classes a partir de um marco teórico feminista.

Neste sentido, Oyěwùmí (2017) comparece também com suas indagações acerca das construções narrativas sobre mulher, reivindicando que a compreensão da história delas não pode ter como marco inaugural o período colonial, e denunciando a injustiça epistêmica resultante desse gesto de apagamento.

As duas autoras, a partir de seus territórios teóricos e culturais, e no território de suas experiências, nos convidam a uma reflexão crítica sobre as narrativas reducionistas sobre a história, e sobre o que é ser mulher, e propõe outras leituras, centradas nas experiências dessas mulheres, que na maior parte dos casos são tratadas como objeto da narrativa histórica hegemônica.

As duas teóricas, nas obras aqui referenciadas, nos convocam ao trabalho que precisamos continuar a fazer: reconhecer a existência de uma história das mulheres anterior a narrativa capitalista e colonialista, para assim visibilizar outros modos de vida, estratégias e narrativas a partir das experiências das mulheres. Longe de uma perspectiva nostálgica de um suposto passado perfeito e igualitário em termos de gênero, a tarefa é abrir espaços para mostrar que, antes e agora, há realidades não narradas, e assim ampliar as percepções e os saberes acerca do mundo.

Nossa outra convidada para este encontro, Pierina Lira (2021) sentada em sua cadeira de balanço, narra sua história para uma câmera, no seu Sítio Esperança, localizado em uma pequena cidade do sul do Brasil<sup>4</sup>. Ela nasceu e vive na zona rural, produz alimentos e flores, é articuladora

---

<sup>4</sup>A história de vida da produtora rural foi captada no contexto da realização de um projeto experimental (trabalho de conclusão do curso de Relações Públicas – Bacharelado da UFSM – campus FW/RS. Foi produzido um documentário de representação social sobre a história de vida, a rotina, as conquistas e os desafios da mulher rural. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, complementar à metodologia de história de vida, explorando os aspectos pessoais e profissionais da sua trajetória enquanto mulher rural. O percurso teórico contemplou aspectos históricos e técnicos sobre o audiovisual (Bill Nichols, 2005; Gustavo Soranz Gonçalves, 2006; Sheila Curran Bernard, 2008 e Sérgio

local, e representante de sua comunidade em uma instituição financeira. É certificada como integrante de um projeto de turismo rural, recebe pessoas em sua propriedade, participa de feiras e eventos. E toma medicação para depressão, sente muitas dores, tem uma filha adulta, é casada, vive com o marido e se sente sozinha.

A produtora, ao narrar sua história de vida para o documentário, abordando diversos aspectos de sua vida, não pronuncia o nome do marido. Em 8 horas de gravação, capturadas durante 12 dias, de imersão e entrevistas, Pierina Lira pronuncia a expressão “meu marido” uma única vez e no restante do tempo reduz a referência à pessoa com quem é casada há 38 anos ao pronome pessoal do caso reto, “ele”<sup>5</sup>. É esse gesto que nos interessa neste encontro-reflexão.

No que diz respeito à abordagem metodológica deste texto, seguimos a inspiração feminista de Elisabeth Fiorenza (2009) em seus giros hermenêuticos. Acionamos aqui a hermenêutica da experiência, que reconhece que as perspectivas das mulheres não foram incluídas na cultura oficial ocidental. Desde esse lugar, procuramos escutar as experiências de opressão e libertação das mulheres. Nos alinhamos à autora no reconhecimento dos muitos efeitos da colonização em diversas geografias.

No marco desse reconhecimento, ela nos propõe considerar que as experiências de mulheres contemporâneas são tão diversificadas e complexas quando as mulheres que as formulam. Para a autora, não há uma essência feminina na experiência das mulheres pois as implicações sobre o gênero, como raça, cultura, classe social, idade e etnia devem ser também consideradas (FIORENZA, 2009).

Para Fiorenza (2009), a experiência pessoal não é privada, mas está socialmente construída e não é em si uma norma na vida das mulheres, mas um ponto de partida para a compreensão da diversidade de suas realidades. Ela nos orienta a ouvir e a indagar sobre que tipo de experiências estão

---

Puccini, 2009). As questões que implicam desigualdade de gênero na sociedade, a saber: a divisão sexual do trabalho, o empoderamento feminino e o espaço público e privado foram discutidas a partir de Flávia Biroli (1975), Joice Berth (2016), Cecília M.B. Sardenberg (2009), Maria Helena Santana Cruz (2018) e Sofia Aboim (2012). Como resultado, obteve-se um documentário de representação social com a duração de 35 minutos, tendo como protagonista a agricultora Pierina Lira, que discorre sobre sua história de vida, elucida quais os papéis que ocupa na propriedade e descreve como dá-se a relação com o marido - constantemente referenciado como “ele” -, assim revelando suas tristezas, suas conquistas e suas alegrias para a câmera. O documentário nos permite inferir que Pierina encaminha-se para o empoderamento em diferentes esferas, com maior grau na cognitiva e na econômica e menor grau na psicológica e na política. Quanto à divisão sexual do trabalho é possível afirmar que a protagonista não reconhece como trabalho as atividades que envolvem o cuidar. Por fim, nota-se a dificuldade em separar o espaço público do privado, uma vez que as atividades de um alimentam a existência do outro, e de que a existência do público torna a permanência no privado mais suportável. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22355>. Acesso em 18 de outubro de 2021.

<sup>5</sup> Nas diversas entrevistas concedidas para o documentário a protagonista faz referências à diversas pessoas de seu círculo de convivência e atividades, referindo-se a elas sempre pelo nome; a sua cabra também é tratada pelo primeiro nome: Chica.

inscritas nos relatos das mulheres, que emoções ou sentimentos, e quais as que estão no centro de suas narrativas. Tomamos, pois, o repertório teórico de Federici (2010) e Oyèronké Oyěwùmí (2017) e as colocamos lado a lado com a vida vivida de Pierina Lira (2021).

E criamos um espaço para escutarmos a história de Pierina Lira (2021) nos seus termos, nas suas palavras. Desde uma mirada mais ampla, este diálogo tem por objetivo continuar, junto com Federici (2010) a tornar visíveis as raízes da exploração social e econômica das mulheres - não mais no seu momento inaugural - mas mostrando de um lado a persistência e atualização do projeto de colonização<sup>6</sup>, e de outro a persistência das resistências, conforme nos convoca a autora:

En Nigeria comprendí que la lucha contra el ajuste estructural formaba parte de una larga lucha contra la privatización y el “cercamiento”, no sólo de las tierras comunales sino también de las relaciones sociales, que data de los orígenes del capitalismo en Europa y América en el siglo XVI. También comprendí cuán limitada era la victoria que la disciplina de trabajo capitalista había obtenido en este planeta, y cuanta gente ve aún su vida de una forma radicalmente antagónica a los requerimientos de la producción capitalista.” (FEDERICI, 2010, p.19)<sup>7</sup>.

Objetivamos ainda – considerando que há uma história de resistência e luta das mulheres anterior e concomitante com os processos de exploração e morte - evidenciar que hoje, dentro das condições situadas de cada mulher em diferentes geografias, as atitudes de proteção de espaços de autonomia pessoal e coletiva continuam presentes na vida delas.

A partir da escuta de Pierina Lira (2021) queremos compreender que práticas de resistência podemos entrever na sua atitude de não nomeação do seu marido e a redução de sua presença da história narrada ao pronome pessoal masculino.

## **2 A recusa da nomeação do outro: expressões para enfraquecer o opressor?**

“Consideremos outra de suas propriedades – a voz. Mentirosas por natureza, o seu discurso a um só tempo nos aguilha e nos deleita” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p. 120). Esta afirmação feita pelos idealizadores da inquisição nos ajuda a conectar a reflexão de Federici (2010, p.23) sobre

---

<sup>6</sup>O Fundo Monetário Internacional na África: “[...] los programas do FMI dos anos 80 suponía una nueva ronda de acumulación primitiva y una racionalización de la reproducción social orientada a destruir los últimos vestigios de propiedad comunal y de relaciones comunales, imponiendo de este modo formas más intensas de explotación.” (FEDERICI, 2010, p.18).

<sup>7</sup>Na Nigéria entendi que a luta contra o ajuste estrutural fazia parte de uma longa luta contra a privatização e o cercamento, não só das terras comunais, mas também das relações sociais, que datam dos origens do capitalismo na Europa e na América no século XVI. Eu também entendi quão limitada foi a vitória que a disciplina de trabalho capitalista obteve neste planeta, e quantas pessoas ainda veem suas vidas de uma forma radicalmente antagônica às exigências da produção capitalista. " (FEDERICI, 2010, p.19) (Tradução nossa).

o lugar da caça às bruxas<sup>8</sup>, que para a autora “fue tan importante para el desarrollo del capitalismo como la colonización y como la expropiación del campesinado europeo de sus tierras”<sup>9</sup> à história de Pierina Lira (2021). Desse passado, nosso presente carrega o permanente ataque contra as mulheres (FEDERICI, 2010).

Queremos ouvir o que Pierina diz, sobre si – ao não dizer sobre o marido. Neste sentido, podemos apontar alguns temas que estão no centro da narrativa feita pela produtora rural: sua rotina de trabalho, suas experiências de violências, a solidão e as interações com sua comunidade, seus sonhos realizados e seus desejos.

## 2.1 O trabalho de Pierina

O tema do trabalho é um dos aspectos centrais na narrativa da produtora rural, ele atravessa a organização de sua rotina diária e incide sobre seus espaços de sociabilidade. Sobre este tema, ao analisar a gênese do capitalismo, Federici (2010) aponta um conjunto de mudanças que esta perspectiva introduz na posição social das mulheres e na produção da força de trabalho para o novo regime. A autora destaca:

i) el desarrollo de una nueva división sexual del trabajo que somete el trabajo femenino y la función reproductiva de las mujeres a la reproducción de la fuerza de trabajo; ii) la construcción de un nuevo orden patriarcal, basado en la exclusión de las mujeres del trabajo asalariado y su subordinación a los hombres; iii) la mecanización del cuerpo proletario y su transformación, en el caso de las mujeres, en una máquina de producción de nuevos trabajadores (p. 23).

A autora sustenta ainda que na transição para o capitalismo, se redefiniram as tarefas produtivas e reprodutivas e as relações mulher-homem, e mais, que tal processo se deu dentro de um marco de máxima violência e com o uso do aparelho estatal. Federici (2010) critica a percepção marxista que,

[...] suponía que la violencia que había presidido las primeras fases de la expansión capitalista retrocedería con la maduración de las relaciones capitalistas; a partir de ese momento la explotación y el disciplinamiento del trabajo serían logradas fundamentalmente a través del funcionamiento de las leyes económicas (p. 23).

---

<sup>8</sup>Sobre algumas das reverberações das práticas da inquisição no Brasil ver Ronald RAMINELLI (2000) e Ronaldo VAINFAS (2000).

<sup>9</sup>“Foi tão importante para o desenvolvimento do capitalismo quanto a colonização e a expropriação do campesinato europeu de suas terras.” (Tradução nossa).

A narrativa de Pierina (2021) corrobora com a crítica da autora que também afirma que no capitalismo, “cuando los hombres alcanzaron un cierto grado formal de libertad, las mujeres siempre fueron tratadas como seres socialmente inferiores” (FEDERICI, 2010, p.23).<sup>10</sup>

Eu acordo as 4h30 da manhã. Cinco horas eu levanto. Fico um pouquinho na cama e as 5h eu levanto. Arrumo o chimarrão. Tomo chimarrão. Tomo café e vamo pra vaca. Ordenha as vaca. Aí a gente tira o leite junto. Eu lavo a ordenha o tarro as coisa e ele vai largando as vaca. Aí ele vai pro pasto larga as vaca e eu fico ajeitando as coisa em casa. Aí no momento que eu termino o serviço ali da estrevaria, limpa a estrevaria e coisa, eu venho dou uma organizadinha na casa, faço almoço, almoçemo. Aí eu vo lava roupa, vo varre o pátio, vo pra horta, eu passo o dia em função. Aí de tardzinha lá pras 5h vamo tira o leite de novo, junto, sempre os dois junto vamo tira, puxa os terneiro, tira leite, trata os bicho. Aí terminando esse serviço de ordenha as vaca, a gente toma banho e entra pra dentro de casa. Janta, assiste uma novelinha e vai dormi. Lá pelas 9h a gente vai dormi.” (LIRA, 2021, entrevista)<sup>11</sup>.

A rotina da trabalhadora rural é marcada pela desigualdade na distribuição das atividades da propriedade: ela participa das atividades produtivas, é a gestora de várias delas, ao passo que assume sozinha todas as tarefas reprodutivas, de sustentação do cotidiano do casal. Para Federici (2010) questão da desigualdade não é a irrelevância do trabalho doméstico, mas está ligada ao efeito do sistema capitalista que

No reconoce la producción y reproducción del trabajo como una actividad socio-económica y como una fuente de acumulación del capital y, en cambio, la mistifica como un recurso natural o un servicio personal, al tiempo que saca provecho de la condición no-asalariada del trabajo involucrado (p. 16)<sup>12</sup>

Neste contexto, analisar o desenvolvimento do capitalismo na perspectiva feminista permite conhecer a história da classe trabalhadora de forma mais ampla e corrige as limitações de uma narrativa masculina sobre a exploração do trabalho.

## 2.2 Violências contra a vida de Pierina

Outro tema, tema que está no centro da narrativa de Pierina é o das violências sofridas. Ela relata ameaças do marido, cuja gravidade gerou uma denúncia formal, levando o casal a um encontro a uma audiência no Fórum da cidade:

Um dia ele quis grita com ela [referindo-se à psicóloga] lá e ela mando ele fica quieto “O senhor ta aqui seu Avelino. Não ta falando com a dona Pierina.” Aí ele se acalmo. Quando nos fomo Fórum, eu não

<sup>10</sup>“Quando os homens alcançavam certo grau formal de liberdade, as mulheres sempre eram tratadas como seres socialmente inferiores” (FEDERICI, 2010, p.23). (Tradução nossa)

<sup>11</sup>Na transcrição das falas de Pierina Lira (2021) mantivemos seu modo falar, sem nenhuma correção no que tange às normas cultas da língua portuguesa.

<sup>12</sup>“Não reconhece a produção e reprodução do trabalho como atividade socioeconómica e como fonte de acumulação de capital e, em vez disso, mistifica-a como recurso natural ou serviço pessoal, aproveitando a situação não assalariada do trabalho envolvido” (p. 16). (Tradução nossa)

“... tinha ninguém do meu lado, pra me defende [...] ai eu falei tudo e ele dizia: Mas meu Deus foi só uma discussão. E eu disse: Não foi não, aceita o que você fez. Agora tu vai aceitar. Aí ele queria fala aí a promotora mandou ele fica quieto.” (LIRA, 2021, entrevista).

O contexto desses sofrimentos da produtora rural está explicado pela autora italiana, que afirma que na sociedade capitalista, “la ‘feminidad’ se ha constituido como una función-trabajo que oculta la producción de la fuerza de trabajo bajo la cobertura de un destino biológico” (FEDERICI, 2010, p. 26)<sup>13</sup>. Assim as mulheres serão vistas através dessa lente que as coloca a serviço do capital e por consequência a serviço do homem, que nesta mentalidade é identificado com e legitimado pelo sistema.

A presunção de um destino biológico das mulheres, como justificativa de sua inferiorização se reproduz em todas as esferas e instituições sociais. Ouçamos novamente a frase de Pierina que reproduz a fala da promotora, ao repreender o marido: “ela mando ele fica quieto”, ela disse: “O senhor ta aqui seu Avelino. Não ta falando com a dona Pierina.” Aí ele se acalmo” (2021, entrevista). A autoridade do Fórum, que acolhe a denúncia de violência e que media a relação da produtora com seu marido no conflito violento é carregada também de violência. Ao afirmar que o marido não pode gritar, a promotora não invoca respeito ao seu trabalho, por exemplo, mas afirma que ele não está falando com a esposa. Neste gesto está implícita a naturalização da subalternidade da mulher no âmbito privado – o marido pode gritar com Pierina – e no âmbito da cidadania, revelada na pobreza material da mulher, que recorrendo ao serviço jurídico gratuito, não merece deferimento ou distinção.

A socióloga OYĒWÙMÍ (2017), ao analisar os efeitos duradouros da colonização vai afirmar que o sistema estatal é o legado mais perdurável da colonização na África, e certamente a afirmação vale para o nosso país, também colonizado. O Estado reflete as qualidades identificadas com o masculino, produzindo e reproduzindo aparatos que excluem a participação das mulheres na vida pública, e por conseguinte, da possibilidade de incidir sobre as abordagens da regulação pública dos assuntos da vida cotidiana. Neste mesmo sentido Federici (2010, p. 31) vai afirmar que o capitalismo

[...] está necesariamente vinculado con el racismo y el sexismo. El capitalismo debe justificar y mistificar las contradicciones incrustadas en sus relaciones sociales —la promesa de libertad frente a la realidad de la coacción generalizada y la promesa de prosperidad frente a la realidad de la penuria generalizada de [...] mujeres, súbditos coloniales, descendientes de esclavos africanos, inmigrantes desplazados por la globalización.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup>“‘Feminilidade’ tem se constituído como função de trabalho que oculta a produção da força de trabalho sob a capa de um destino biológico” (FEDERICI, 2010, p. 26). (Tradução nossa)

<sup>14</sup>“[...] está necesariamente ligado ao racismo e ao sexismo. O capitalismo deve justificar e mistificar as contradições embutidas em suas relações sociais - a promessa de liberdade em face da realidade da coerção generalizada e a promessa



Dentro desse tema das violências, é possível trazer ainda a reflexão da autora acerca do disciplinamento dos corpos. Ela revisita as noções elaboradas por Foucault e critica o teórico francês que ao pensar sobre poder e disciplina “a las que el cuerpo se há sujetado ignora el proceso de reproducción, funde las historias femenina y masculina en un todo indiferenciado” (p.17).

Para Federici (2010) é preciso olhar para as especificidades do disciplinamento das mulheres. A vida de Pierina é rica em exemplos: a depressão e o uso de medicações, as dores constantes e a afirmação do médico de que não vale a pena submetê-la novamente a outra cirurgia e as ameaças:

Dele bate eu não tenho medo [...]ele sabe que ele não pode. Porque ele falo lá [no Fórum] que não ia mais faze e se ele faze ele vai de novo. Não é a primeira vez, ele já ta com o nome sujo. Bate ele não bate, agora agressão moral...Aí eu disse que ia grava o que ele dizia. ele disse eu pego esse telefone e quebro tudo, quebro ele e você também. Bem no fim tu tem que acaba ficando quieta.” (LIRA, 2021, entrevista)

A teórica relembra a caça às bruxas como o mais “monstruoso” processo disciplinatório contra as mulheres – e ignorado por Foucault nas suas análises – e afirma que “la degradación de las mujeres son condiciones necesarias para la existencia del capitalismo en cualquier época.” (p.23).<sup>15</sup>

### 2.3 Solidão e interações de Pierina

Um dos temas mais significativos na narrativa de Pierina é das interações sociais. A produtora rural participa como vendedora de uma feira semanal no centro da sua cidade, é representante no Conselho de uma instituição financeira (modelo de cooperativa) e sua propriedade integra uma rota de turismo rural que oferece refeições e hospedagem.

Pierina é toda sorrisos e animação ao falar desses projetos, bem como do pomar e do cultivo de flores que também são suas iniciativas, afirmando que esquece suas dores nesses contextos. Estes relatos se vinculam às críticas que Federici (2010) e OYĚWÙMÍ (2017) fazem ao projeto colonial que narra a vida das pessoas a partir de seu pertencimento a uma família nuclear. Esta família foi inventada pela mirada europeia colonial, foi aplicada como modelo universal e está “centrada en la dependencia económica de las mujeres a los hombres” (FEDERICI, 2010, p. 31).<sup>16</sup>

---

de prosperidade em face da realidade da escassez generalizada de mulheres, sujeitos coloniais, descendentes de escravos africanos, imigrantes deslocados pela globalização.” (Tradução nossa).

<sup>15</sup>“A degradação das mulheres é condição necessária para a existência do capitalismo em qualquer época”. (p.23).

<sup>16</sup>“Focado na dependência econômica das mulheres em relação aos homens” (FEDERICI, 2010, p. 31). (Tradução nossa)

Neste projeto de família as mulheres são reduzidas a ventre reprodutivos e tem sua identidade atrelada a maternidade; ele invisibiliza outras relações sociais que sustentam a vida delas. Pierina fala de sua filha e responsabiliza o marido pela partida dela: “A saída dela foi muito triste. Porque eu só tinha ela né... i quando ela foi ela saiu pra trabalha. Na verdade, ela saiu porque ele não deixava ela sair de casa assim, sabe [...]”. (LIRA, 2021, entrevista).

Sobre o tempo que está em casa, com marido, Pierina usa a expressão sozinha para definir sua condição. Já ao falar de suas interações e relações sociais ela se diz acompanhada, quando fala dos turistas que recebe, das pessoas que encontra na feira, do que o Sítio Esperança vai ser quando seus projetos estiverem implantados, Pierina relaxa e sorri.

## 2.4 As realizações de Pierina

Contra as expectativas e vontades do marido, Pierina (2021) vem trilhando um caminho de realização de seus sonhos. Ela narra em detalhes sua persistência no projeto da casa nova, nomeando os entraves apresentados pelo marido:

Eu tinha um sonho de ter uma casa. Eu não queria de madeira porque, a minha é mista na verdade, eu queria uma assim de alvenaria, porque é melhor para limpa, só passa um pano e ta limpo. A de maneira tu tem que passa pano, passa cera, lustra, faze um monte de coisa a mais sabe?! Ai nois fumo atrás dessa casa aí. É da Minha Casa, Minha V<sup>17</sup>ida, veio pela prefeitura. Aí, quando era pra sai essa casa ele não queria mais [...] aí eu disse vamo assumi, vamo fica com essa casa. Disse, nois aumentemo mais tarde. Disse, nois temo onde mora. Não importe que demore um ano, demore dois nois vamo aumenta. Aí ele disse que não sabia, que era só pra bota dinheiro porque nois tinha essa ali. Aí eu disse pro Fabio, eu assumo então [...] aí eu fiz um financiamento, paguei 5 ano pagando financiamento para aumentar a casa [...]esse dinheiro que eu paguei é casa é da minha aposentadoria. Todo mês eu recebia ia lá e pagava. Era 250 por mês que eu tinha que pagar. Eu tirava esse dinheiro e ia lá paga. Não saiu nada da propriedade não. Fui eu paguei. Sozinha.” (LIRA, 2021, entrevista)

O desejo pela nova casa é justificado pela produtora está relacionado à maior facilidade e agilidade no trabalho doméstico e então, no uso do seu tempo. Neste sentido podemos trazer a contribuição de Federici, (2010) que “que la historia de las mujeres no puede separarse de la historia

---

<sup>17</sup>“O Minha Casa, Minha Vida (MCMV) é a maior iniciativa de acesso à casa própria já criada no Brasil. O programa, que mudou a história da habitação do País, prevê diversas formas de atendimento às famílias que necessitam de moradia, considerando a localização do imóvel – na cidade e no campo, renda familiar e valor da unidade habitacional. Além disso, contribui para geração de emprego e renda aos trabalhadores da construção civil.” Disponível em:<https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/habitacao/minha-casa-minha-vida>. Acesso em 30 de setembro de 2021.

de los sistemas específicos de explotación [...]” (p. 15)<sup>18</sup> e visualizamos aqui uma atitude de controle pelo trabalho que é práticas e simbólicas.

Pierina continua nos falando de outras realizações, cuja concretização ela ainda espera: “Carteira de motorista. Eu não consigo fazer porque ele é contra eu fazer a carteira, não quê. Aí eu me sinto assim, constrangida, por que né!?” (2021, entrevista). De um lado a manutenção da residência na “casa velha” mantinha a esposa mais atrelada à rotina da casa, tendo menos tempo para atividades fora da propriedade, com as quais o marido não concorda. E a proibição em relação à habilitação concretiza o controle sobre a esposa.

Esse controle acaba por atravessar a dimensão da vontade e do desejo expressos por Pierina (2021). Ela enfrentou a resistência do marido, se comprometeu sozinha com o financiamento e pagou a casa com recursos pessoais, mas suas vontades estão impregnadas de constrangimentos. A nova construção, feita sem recursos oriundos do Sítio Esperança, valoriza a propriedade, que é também do marido. Neste sentido, a casa que está ligada a qualidade de vida – esfera da produção da vida – é uma fonte de criação de valor, e capital, mas não será sua origem atribuída ao trabalho feminino. Federici (2010) aponta esse apagamento da agência feminina produz uma leitura, limitada, de que a raiz da diferença de poder entre mulheres e homens está no fato delas não participarem do desenvolvimento capitalista.

## 2.5 Os desejos de bem-estar de Pierina

Retomamos aqui as reflexões de Federici (2010) para refletirmos sobre um dos tópicos trazidos por Pierina (2021) para o centro da narrativa de sua história, ela nos conta sobre o desejo de cuidar do seu corpo. Para a primeira autora, o corpo é central para a compreensão das origens do domínio masculino sobre o feminino e na construção da identidade social das mulheres.

[...]los sistemas de explotación, centrados en los hombres, han intentado disciplinar y apropiarse del cuerpo femenino, poniendo de manifiesto que los cuerpos de las mujeres han constituido los principales objetivos —lugares privilegiados— para el despliegue de las técnicas de poder y de las relaciones de poder (p. 27).<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup>“Que a história das mulheres não pode ser separada da história de sistemas específicos de exploração [...]” (p. 15) (Tradução nossa)

<sup>19</sup>[...] os sistemas de exploração, centrados no homem, têm procurado disciplinar e apropriar-se do corpo feminino, mostrando que os corpos das mulheres têm constituído os objetivos principais - lugares privilegiados - para a efetivação de técnicas de poder e relações de poder (p. 27) (Tradução nossa)

O pensamento feminista, desde a proposição de uma política do corpo tem reivindicado a revalorização do corpo. Para a autora, esta reivindicação “ha sido un paso necesario tanto para confrontar la negatividad que acarrea la identificación de feminidad con corporalidad, como para crear una visión más holística de qué significa ser un ser humano (FEDERICI, 2010, p. 28).<sup>20</sup>

É nesse contexto que a produtora rural expressa seu desejo:

Gostaria de fazer, mas.... Ah sim. Pra mim, pro meu bem-estar, tem uma coisa que eu gostaria de fazer. Ele não concorda por que diz que a gente tem que ser do jeito que a gente é. Eu queria fazer um tratamento para emagrecer. Um tratamento mesmo sabe?! E num spa, e fica lá até eu perde os quilos que eu preciso. E ele não concorda. Diz que a gente tem que se do jeito que a gente é. Eu me sinto pesada, eu me sinto assim, sabe [...]”. (LIRA, 2021, entrevista)

Esta recusa do marido em apoiar o desejo da esposa encontra fundamento nas reflexões de Federici (2010):

[...] en la sociedad capitalista, el cuerpo es para las mujeres lo que la fábrica es para los trabajadores asalariados varones: el principal terreno de su explotación y resistencia, en la misma medida en que el cuerpo femenino ha sido apropiado por el Estado y los hombres, forzado a funcionar como un medio para la reproducción y la acumulación de trabajo (p. 30)<sup>21</sup>.

Neste contexto, a reivindicação do bem-estar de Pierina (2021) está fora de lugar, pois não está ligada às pautas do corpo positivadas pelo sistema capitalista, como a maternidade e o parto.

A alegria transbordante de Pierina ao narrar suas interações na feira, com os turistas, ou ao exibir os certificados dos cursos que concluiu, informa como para as mulheres o corpo pode ser experimentado como “tanto una fuente de identidad como una prisión y por qué tiene tanta importancia para las feministas y, a la vez, resulta tan problemático su valoración” (p. 30).<sup>22</sup>

A leitura do corpo feminino construído como fonte e prisão é ampliada pela problematização que Oyèwùmí (2017) faz dos conceitos centrais do feminismo ocidental: mulher, gênero e corpo. A autora discute os aspectos relacionados aos modos como o corpo condiciona as experiências das mulheres. Ela alerta que no ocidente as crenças em torno do corpo estão articuladas com o estabelecimento das dicotomias sociais que concedem privilégios aos homens. Assim, “Mujeres, primitivos, judíos, africanos, pobres y toda persona calificada con la etiqueta “diferente”, en diversas

---

<sup>20</sup>“Tem sido um passo necessário tanto para enfrentar a negatividade que acarreta a identificação da feminilidade com a corporalidade, quanto para criar uma visão mais holística do que significa ser humano (FEDERICI, 2010, p. 28). (Tradução nossa)

<sup>21</sup>[...] na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os trabalhadores assalariados: o principal terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino tem sido apropriado pelo Estado e pelos homens, forçados funcionar como meio de reprodução e acumulação de trabalho (p. 30) (tradução nossa)

<sup>22</sup>“Ao mesmo tempo uma fonte de identidade e uma prisão e por que é tão importante para as feministas e, ao mesmo tempo, sua valorização é tão problemática” (p. 30). (Tradução nossa)

épocas históricas, se consideró como encarnada, dominada por el instinto y la afectividad, ajena a la razón. Eran la Otredad y la alteridad es un cuerpo” (p. 40)<sup>23</sup>, e no pensamento moderno ocidental o corpo não é digno de confiança, mas objeto de controle.

### 3. Os sentidos da resistência

Depois de refletirmos sobre as experiências que Pierina Lira (2021) colocou no centro da narrativa sobre sua história pessoal, voltamos às reflexões de Federici (2010) na busca dos possíveis sentidos contidos. A autora nos informa que ao longo da história da gênese do capitalismo por meio da colonização que é possível observar as marcas das resistências das mulheres, como é o caso das mulheres andinas, que “se convirtieron en las principales enemigas del dominio colonial, negándose a ir a misa, a bautizar a sus hijos o a cualquier tipo de colaboración con las autoridades coloniales y los sacerdotes (p. 306).<sup>24</sup>

A visibilização desse tipo de resistência só se faz possível a partir da escuta atenta das experiências das mulheres. Ouçamos Pierina (2021) mais uma vez, ao ser interrogada sobre o que a impede de participar de mais atividades fora da propriedade: “Pra ser sincera é meu marido. Ele não gosta que eu faça essas coisas, não gosta que eu saia “(entrevista). Na única vez em que a produtora troca o pronome “ele” e usa expressão “marido” é para responsabilizá-lo pelo cerceamento de sua liberdade. O uso do termo marido revela também que Pierina (2021), tem consciência da hierarquia que ordena o par homem-mulher como um casal, e do poder exercido pelo sujeito-marido em sua vida.

A atitude de resistência acontece em um corpo parado, sentado, falante. Para significar esse gesto como reivindicação de autonomia, podemos refletir junto com OYĚWÙMÍ (2017), que nos diz alerta para o fato de que o corpo tenha assumido a centralidade na cultura ocidental deriva da primazia da visão da cultura. No Ocidente o mundo é compreendido, sobretudo pelos olhos, que estabelece assim uma diferenciação dos seres em termos de sexo, cor da pele, atribui movimento, mobilização

---

<sup>23</sup>“Mulheres primitivas, judias, africanas, pobres e todas as pessoas qualificadas com o rótulo de “diferente”, em vários períodos históricos, foram consideradas encarnadas, dominadas pelo instinto e pela afetividade, alheias à razão. Eles eram Alteridade e a alteridade é um corpo” (p. 40) (Tradução nossa)

<sup>24</sup>“Eles se tornaram os principais inimigos do domínio colonial, recusando-se a ir à missa, a batizar seus filhos ou a colaborar com as autoridades coloniais e os padres (p. 306). (Tradução nossa)

ou estagnação. É a contemplação que convida a diferenciar, e constrói a perspectiva que a cultura ocidental sintetiza na expressão “visão de mundo”.

[...] se origina en cuál de los sentidos será privilegiado en el proceso de comprensión de la realidad –la vista en Occidente y una multiplicidad de sentidos anclados en el oído en la tierra Yorùbá–. La tonalidad del lenguaje Yorùbá predispone a una comprensión de la realidad que no puede dejar al margen lo auditivo. (OYĒWÙMÍ, 2017, p. 56/57).<sup>25</sup>

A autora nos convoca a um deslocamento na direção da escuta, que nos dá recursos para ampliar a compreensão sobre a complexidade da vida de Piereina (2021), permitindo a apreensão da realidade por uma variedade de sentidos, que vai além da aparência:

Se trata de muchos mundos habitados por la humanidad sin privilegiar al mundo físico sobre el metafísico. La absorción en la vista como el modo primordial de comprensión de la realidad, promueve lo visible por encima de lo que no resulta obvio para el ojo, dejando escapar el resto de niveles y matices de la existência. (OYĒWÙMÍ, 2017, p. 57).<sup>26</sup>

Nessa abordagem não se pode situar uma pessoa no contexto social somente ao olhar para ela, pois a escuta também dá pistas importantes da identidade. A autora nos propõe ainda que a expressão “sentido do mundo” é uma alternativa com mais possibilidades de acolher a concepção de mundo experimentada por diferentes sujeitos e grupos culturais.

Assentada em seu território geográfico e corpóreo, Pierina (2021) não está imóvel: “ele” – o marido – participa de sua identidade, mas não a define integralmente: “Porque saia ele ficava brabo, emburrado, aí tu já saia nervosa. Mas eu sempre pensei e nunca desisti. Eu ia igual, nem que eu chegasse em casa e ganhasse uma bronca” (entrevista). Ela se movimenta dentro do seu possível e com isso concretiza afirmação de Federeci de que é “imposible asociar el capitalismo con cualquier forma de liberación o atribuir la longevidad del sistema a su capacidad de satisfacer necesidades humanas (2010, p. 32). O sistema só existe sustentado por uma trama de desigualdades construídas.

#### **4 Considerações Finais: conjuros de palavras escolhidas**

“A terceira razão é que, possuidoras de língua traiçoeira, não se abstém de conta às suas amigas tudo o que aprendem através das artes do mal [...]” (KRAMER e SPRENGER, 1991, p 115).

---

<sup>25</sup>[...] origina-se em qual dos sentidos será privilegiado no processo de compreensão da realidade –a visão no Ocidente e uma multiplicidade de sentidos ancorados no ouvido na terra Yorùbá. A tonalidade da língua Yorùbá predispõe a uma compreensão da realidade que não pode ignorar o auditivo. (OYĒWÙMÍ, 2017, p. 56/57). (Tradução nossa)

<sup>26</sup>Trata-se de muitos mundos habitados pela humanidade sem privilegiar o mundo físico sobre o metafísico. A absorção na vista como modo primário de compreensão da realidade, promove o visível acima do que não é óbvio a olho nu, deixando escapar os demais níveis e nuances da existência. (OYĒWÙMÍ, 2017, p. 57). (Tradução nossa)

Esta sentença dos inquisidores bem poderia ser aplicada a este texto, resultado de um encontro e um diálogo entre mulheres. Acionamos saberes de diferentes razões geográficas para manter presentes e atualizados os questionamentos formulados por Silvia Federici (2010).

Estendemos a mão para mulheres que estão ao nosso lado para dar visibilidade às raízes de sua persistente exploração social e econômica. Ouvimos histórias para registrar resistências, lutas e conquistas pessoais e coletivas. A recusa de Pierina em dizer o nome do marido é um gesto complexo, situado entre o reconhecimento do seu poder e as possibilidades que ela tem de autopreparação e redução do espaço – efetivo e simbólico - ocupado pelo seu opressor.

Conforme no lembra Federici (2010), sempre existiu “la hereje, la curandera, la esposa desobediente, la mujer que se anima a vivir sola (p.22).<sup>27</sup>Pierina é tudo isso, desobediente, curandeira de si, corpo político e encarnado que se deprime, dói, se alegra, conjura palavras novas: “assim, emponderada” diz a produtora ao falar de si. E cala o nome de quem a machuca. Assim, as resistências cotidianas vão esmaecendo certas desigualdades, redefinido os contornos das relações.

Há anos Pierina (2021) persiste no desejo de realizar seus sonhos: há anos que ela procura fazer cursos, e vai aprendendo e fazendo. No início quando “ele” não concordava a produtora ia a pé em busca de transporte para chegar às atividades; hoje ele já concorda em levá-la. No complexo jogo hierárquico da relação conjugal ela insistiu, ele flexibilizou: ela sabe onde quer estar e trouxe o marido junto, mas com palavras limita sua presença. Esta recusa de nomeação, este ocultamento, nos diz onde Pierina investe narrativamente: ela não nomeia o marido porque o centro de sua experiência não é definida somente por ele. As interações entre eles mudaram com o tempo, conforme ela foi conquistando espaços, mas a desigualdade não desapareceu. Pierina (2021) não nega sua realidade objetiva, mas também não nega seu desejo; ela escolhe e investe nas palavras – constrói ela mesma uma parte do mundo - como recurso para se colocar no centro de sua história pessoal, que é também a história de muitas mulheres.

### Referências Bibliográficas:

FEDERICI, Silvia. **Calibán y la bruja**. Mujer, cuerpo y acumulación primitiva. Traficante de Sueños, Madrid, 2010, 367p;

KRAMER, Heinrich., SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum**. O martelo das feiticeiras. Rosa dos Tempos, 3ed., Rio de Janeiro, RJ, 1991. 528p;

---

<sup>27</sup>“A hereje, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver sozinha (p.22). (Tradução nossa)

LIRA, Pierina. Entrevista, 2021;

OYĒWÙMÍ, Oyèronké. **La invención de las mujeres.** Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá, Colombia. Editorial en la frontera, 2017. 316p;

FIORENAZA, Elisabeth S. **Caminhos da Sabedoria:** uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009. 256 p;

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. IN: DEL PRIORI, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil.** 3ed. São Paulo, Contexto, 2000, 678p;

VAINFAS, Ronaldo. Homoerotismo feminino e o Santo Ofício. IN: DEL PRIORI, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil.** 3ed. São Paulo, Contexto, 2000, 678p.